

## A IMPORTÂNCIA DO GRUPO OPERATIVO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**MESQUITA, Camila Rodrigues de<sup>1</sup>; RODRIGUES, Carla Gonçalves<sup>2</sup>;  
WIKBOLDT, Josimara Silva<sup>3</sup>; GIUSTI, Juliana Verneti<sup>4</sup>; SCHNORR, Samuel  
Molina<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas. [camilacrm@hotmail.com](mailto:camilacrm@hotmail.com). <sup>2</sup> Professora do Departamento de Ensino da FaE – UFPel. [cgrm@ufpel.tche.br](mailto:cgrm@ufpel.tche.br). <sup>3</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. [josiwikboldt@hotmail.com](mailto:josiwikboldt@hotmail.com). <sup>4</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. [juugiusti@hotmail.com](mailto:juugiusti@hotmail.com). <sup>5</sup> Aluno do Curso de Biologia da UFPel. [schnorr\\_m@yahoo.com.br](mailto:schnorr_m@yahoo.com.br).

### 1 INTRODUÇÃO

É sabido que a formação de professores tornou-se alvo de inúmeras discussões. Muitas propostas têm emergido, embora com poucos resultados concretos. Há predominância do modelo formativo em que o futuro professor recebe conteúdos teóricos que somente serão postos em prática nos estágios curriculares, fazendo com que se depare, nos primeiros anos de formação, com situações basicamente abstratas, distantes da realidade escolar, assim como da concretude de uma sala de aula. Ou seja, há uma forte aposta na transmissão de conhecimentos, concepção essa que pouco valoriza a capacidade criadora do aluno de *aprender fazendo* e que concebe o saber docente como alheio ao sujeito. Aí se origina um forte problema para a educação. Consciente ou inconscientemente, o professor que teve a trajetória acadêmica realizada segundo esse paradigma tende a reproduzir o tipo de ensino em que teoria e prática encontram-se dissociadas. Sendo assim, torna-se urgente a elaboração de uma formulação mais adequada para os caminhos voltados à formação docente.

O presente trabalho destina-se à reflexão de possíveis relações que podem ser traçadas entre teorias da Psicologia através da abordagem psicanalítica de Pichon Rivière, mais especificamente, do conceito Grupo Operativo, e à formação de professores. Adota-se a concepção de formação docente como um processo que envolve territórios subjetivos, menos considerando aspectos totalmente particulares e profundamente íntimos de um sujeito, mas mais. Prioritariamente atendo-se aos modos de existências humanas produzidos em um contexto social, histórico e cultural, relacionados às práticas sociais, aos arranjos institucionais, às variadas linguagens existentes e às relações que os indivíduos traçam com si próprios. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de experiências grupais quando se trata do trabalho investigativo sobre quais elementos vivências são relevantes na constituição de um professor.

A partir do surgimento de comunidades organizadas, o entendimento sobre grupos é um tópico essencial para a compreensão do comportamento humano de forma geral. Enrique Pichon Rivière (1907-1977), analista de formação kleiniana, marxista e psicanalítica interessou-se em estudar os processos grupais em diversos aspectos, conscientes e inconscientes, institucionais e ideológicos, educacionais e terapêuticos, focalizando-os tanto em sua visão humanística quanto do ponto de vista político ideológico de esquerda. Experiências motivacionais vividas pelo autor como, por exemplo, as dificuldades institucionais no qual se deparou ao assumir o cargo de Psiquiatra no Hospício de Las Mercedes, potencializam Pichon para o desenvolvimento de uma teoria que integra Psicanálise e Psicologia Social. Tal teoria, nascida então em um ambiente de tarefa concreta, apresenta o conceito

denominado Grupo Operativo (OSORIO, 2000): é o grupo centrado na tarefa caracterizada pela resolução de situações estereotipadas e obtenção de mudanças.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Foi realizada, durante o mês de julho de 2011, na Faculdade de Educação da UFPel, a Oficina intitulada *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*, oferecida durante os turnos da manhã e da tarde, totalizando carga horária de 40 horas. A Oficina serviu como elemento analítico da pesquisa-intervenção de mesmo nome, oferecida pelo Núcleo UFPel, do Projeto de Pesquisa Observatório de Educação 2010 (CORAZZA, 2011), tendo como sede a UFRGS e como parceiros a UNIOESTE e UFMT.

Com tal ação pretendeu-se articular o passeio urbano e a utilização de mídias de uso doméstico. Os registros cartográficos foram expressos por meio de imagens e de escritas em prosa. Treze profissionais vindos de diversas áreas de atuação como Pedagogia, Filosofia, História, Biologia, Matemática, Ciências Sociais, Arquitetura, Engenharia Agrária, Artes, Geografia e Serviço Social, participaram das atividades. A partir da leitura das fichas de inscrições disponibilizadas no site [www.escreleituras.com](http://www.escreleituras.com), foi possível notar que o maior objetivo dos participantes era a qualificação dos saberes docentes e o interesse em aprender a lidar adequadamente com as novas mídias (câmeras e celulares) em sala de aula, e como sendo atuais e futuros professores.

A escolha pela metodologia de investigação qualitativa do tipo cartográfica justifica-se pelo fato desta reverter o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (BARROS & PASSOS, 2009). A cartografia é apresentada como um método oriundo do conceito filosófico, cunhado por Deleuze e Guatarri (1995), que visa acompanhar um processo e não o de representar um objeto. De uma maneira geral, sugere uma investigação sobre o processo da sua própria produção que, neste caso, atem-se aos modos de formação de professores, incluindo o campo subjetivo dos indivíduos ali envolvidos.

O passeio urbano realizado na cidade de Pelotas envolveu a caminhada, o ônibus e o barco, pretendeu a desterritorialização e a revitalização do pensamento no ato de passear. Foram utilizadas câmeras digitais e máquinas fotográficas de uso doméstico e pessoal, assim como um bloco de notas oferecido para cada um dos participantes, para que realizassem o registro de *perceptos* e *afectos* (DELEUZE & GUATARRI, 1996) produzidos neles, bem como o registro de imagens capturadoras de signos presentes no cotidiano, de modo que, posteriormente, executassem a produção de um vídeo.

Para a produção do vídeo, ponto este considerado como o momento de expressão dos procedimentos construídos pelosicineiros, fez-se uso da ferramenta *movie maker*. Este é um software de edição de vídeos da Microsoft de fácil utilização, o qual permite que pessoas sem muita experiência em informática possam adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio nos seus filmes.

Além desses movimentos para acompanhar os processos de produção de subjetividades nos participantes da Oficina, foram trabalhados, em sala de aula, estudos de textos da filosofia da diferença, de obras literárias e poéticas, de entrevistas de artistas e cientistas, leituras comentadas, leituras dirigidas, debates; projeções em DVD de documentários, vídeos de artistas e imagens de práticas

artísticas contemporâneas; apresentações de imagens bidimensionais; exercícios ensaísticos de escrita (entre filosofia e literatura).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho é parte importante no processo ainda em desenvolvimento da pesquisa-intervenção *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*. Aqui são apresentados alguns dados produzidos e resultados parciais dessa investigação, realizados durante a Oficina, em que foi possível observar movimentações grupais ali presentes. Até então, foram detectados arranjos de constituição dosicineiros como um grupo, segundo Pichon (2005). Para o autor, um grupo é o conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articulado por sua mútua representação interna e que se propõe, de forma explícita ou implícita, à realização de uma tarefa constituinte da finalidade de estarem juntos. Neste caso, a tarefa esteve definida pela busca de qualificação de saberes relativos ao ser professor e ao uso de novas mídias em sala de aula.

O psicanalista apresenta a ideia de grupo terapêutico e grupo de aprendizagem, porém não realiza distinção entre eles. Ele acredita que todo grupo, mesmo que terapêutico e que tenha como objetivo a obtenção de “cura”, também proporciona aprendizagens, assim como os grupos de aprendizagens necessitam de climas propícios à resolução de conflitos. Segundo Pichon, quando se aprende está se abandonando formas estereotipadas de ver o mundo e a realidade, assim como ocorreu na Oficina. Nesta não se pretendeu qualquer conserto ou retificação como a própria palavra (oficina) sugere, mas a experimentação e a modificação de procedimentos, isto é, de modos cristalizados de orientar a vida na formação de professores advindos do modelo empregado e impregnado na atuação profissional. Para substituir os papéis estereotipados, pretendeu-se o aprendizado, o novo, através da escrita e da leitura de variados materiais vindos da arte, filosofia e ciências educativas, articulados aos passeios na zona urbana da cidade de Pelotas. Esse conjunto favoreceu a ampliação da percepção e do campo sensível dos participantes no ato de escrever sobre o que se lê e ler sobre o que se escreve, por isso o uso do termo *escreileitura*.

Outro conceito pertencente à obra do autor em questão e que se refere aos grupos operativos, também denominados de grupos de tarefa, são as chamadas “etapas” pré-tarefa, tarefa e projeto (MELLO FILHO, 2000). A pré-tarefa é o momento em que há presença de hesitação, protelação e medos básicos (ansiedade, perda e ataque), sendo caracterizada por situações que paralisam o funcionamento do grupo e resistência à mudança. Nessa direção, destaca-se o primeiro dia da Oficina, encontro inicial entre os participantes, marcado por impressões de inibição e reserva. Estavam todos atentos ao líder, aqui reconhecido como a professora ministrante da aula. Eles agiam com comportamento caracterizado por dependência da mesma e proteção de si, revelado no resguardo das suas ideias.

No decorrer da semana, acompanhou-se o delineamento da etapa denominada tarefa, especialmente após a caminhada e o passeio de ônibus. O grupo realizava o que havia se proposto inicialmente (produção de um vídeo) e obtinha mudanças através de *insight* no que tange à concepção professoral que opera, separando teoria e prática, afrouxando situações estereotipadas. Durante a apresentação dos vídeos, no último dia da Oficina, notou-se forte emoção permeando as falas dos componentes do grupo e um desejo coletivo de manutenção

dessa convivência. Nessa etapa, entendida como projeto, é necessário elaborar a perda ao sentir a finalização do grupo, bem como a separação deste, visto que o objetivo desse momento é afirmar formas de viver para não além do aqui e agora.

Pode-se dizer que também foi observada alguma desconstrução dos modelos pré-estabelecidos, trazidos inicialmente por cada participante, relativos à sua original área de formação. Os vídeos apresentaram, por vezes mais fortemente e outras nem tanto, uma visão diferenciada daquilo que até então era perceptível aos olhos de quem realizou tal experimentação. É fato que, as mudanças subjetivas são lentas e não gradativas, visto que cada indivíduo, quando nelas implicadas, age e pensa em um grupo incluindo suas experiências, conhecimentos e afetos prévios, de modo a tornarem-se operativos, ou seja, geradores de mudanças pretendidas. Destaca-se, ainda, o fato de que cada oficina conseguiu construir filmes com um caráter metodológico cartográfico, indicando que é possível fazer algo desconhecido, ao mesmo tempo em que se realiza tal aprendizagem.

#### 4 CONCLUSÃO

O processo de formação docente na experimentação da vivência em um grupo operativo potencializa a dimensão criadora na educação, fomentando variados modos de vida, de pensamento, de relacionamento consigo, com os outros e com o ambiente em que se está inserido. Não se trata de defender um método para fazer educação ou modelos de ser professor. O que fortemente se pretende é estudar os processos de formação docente do grupo de sujeitos envolvidos com a referida Oficina e intervir sobre eles, de maneira que a formação inicial ou continuada vivida em processo grupal oportunize a ampliação de realidade concreta e saberes orientadores da ação docente dos seus integrantes.

#### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. A Cartografia como método de pesquisa. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Capítulo 1, p. 17-31.

CORAZZA, S. M. Ca.Obe#1 - Caderno de Notas | Programa Observatório da Educação - Oficinas de Transcrição (OsT). 1. ed. Porto Alegre: OBEDUC - BOP, 2011.

MELLO FILHO, Julio de et al. Histórico e Evolução da Psicoterapia de Grupo. In: MELLO FILHO, Julio de. **Grupo e Corpo: psicoterapia de grupos com pacientes somáticos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. Capítulo 1, p.31 – 62.

OSORIO, Luiz Carlos. Grupos Operativos. In: OSORIO, Luiz. **Grupos: teorias e práticas- Acessando a era da grupalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Capítulo 3, p. 31 – 37.

PICHON RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.